



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NORDINE ABUDO USSENE

**A MIGRAÇÃO AFRICANA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE POVO DO SUL
DE MOÇAMBIQUE PARA ÁFRICA DO SUL (2008 – 2023)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

NORDINE ABUDO USSENE

**A MIGRAÇÃO AFRICANA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE POVO DO SUL
DE MOÇAMBIQUE PARA ÁFRICA DO SUL (2008 – 2023)**

Projeto de Pesquisa apresentado no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

NORDINE ABUDO USSENE

**A MIGRAÇÃO AFRICANA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE POVO DO SUL
DE MOÇAMBIQUE PARA ÁFRICA DO SUL (2008 – 2023)**

Projeto de Pesquisa apresentado no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 13/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana (membro titular interno)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Kassoum Dieme (membro titular externo)

Universidade de Brasília - UNB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	PROBLEMA DA PESQUISA	8
4	HIPÓTESE	8
5	OBJETIVOS	9
5.1	GERAL	9
5.2	ESPECÍFICOS	10
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
7	MIGRAÇÃO ENTRE OS DESAFIOS, (DES)ACOLHIMENTO, TRABALHO E ILUSÃO	15
8	METODOLOGIA	22
9	CRONOGRAMA DE PESQUISA	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa visa estudar o fenômeno migratório contemporâneo e intracontinental africana, considerando os cidadãos moçambicanos da região sul que emigram para a vizinha África do Sul. Assim, tratando-se concretamente de indivíduos provenientes de Maputo, Gaza e província de Inhambane que se deslocam para a África do Sul com a intenção de procurar melhores condições socioeconômicas ou possibilidade de adentrar no setor de trabalho nas cidades indianas e industriais, tais como Pretoria, Joanesburgo, Cape Town, Durban, e nas províncias ou estados de KwaZulu-Natal, Limpopo e Mpumalanga.

A terminologia *Intracontinental* anteriormente destacada é usual nativa (ênica), utilizada para se referir ao deslocamento (migração internacional) no interior do próprio continente, nesse caso, tratando-se de grupos de migrantes moçambicanos, cada qual com sua história de vida, permeada de toda complexidade sociocultural, com propósitos diferentes que se deslocam para outro território. Dado a esse respeito, cabe se familiarizar com o objeto de estudo, compreender as origens desse deslocamento e o que fazem no lugar de destino ou de trânsito. No mais, investigar aqueles que partem para outros países para se estabelecerem constitui o “fato social completo” enquanto o imigrante representa o itinerário epistemológico, que se dá, de certa forma, no cruzamento de inúmeras disciplinas e/ou áreas de conhecimento, tais como: história, demografia, geografia, economia, direito, sociologia, psicologia social, antropologia, linguística, ciência política, entre outras (Sayad, 1998, p.15).

Ainda à luz da análise epistemológica, da historicidade e da estrutura social tanto de Moçambique quanto da África do Sul, nos remete a análise de Sayad (1998, p. 16), ao dizer que “[...] falar da imigração é falar da sociedade na totalidade, e isso envolve dois elementos: a dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (história demográfica e história política da formação da população)”. E o segundo elemento é a sua “[...] extensão sincrônica, relacionada às estruturas presentes da sociedade e do seu funcionamento”.

A partir do fato social total e epistemológico, Sayad (1998) explica como “nasce” o imigrante, ao dizer que: “[...] o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território: o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa”. (Sayad, 1998, p. 16). Nesse sentido, a pesquisa dialogará com diversos campos de conhecimentos, de modo interdisciplinar e transversal.

No plano teórico, Sayad (1998) entende a imigração, em primeiro lugar, como um deslocamento de indivíduos em espaço demográfico, mas também considera que os fatores

social, econômico, político e cultural estão inerentemente envolvidos no processo. De igual modo, compreende o processo migratório em duas vertentes, designadas como imigração e emigração, como duas partes coexistentes do mesmo processo migratório. Ou seja, a saída do indivíduo de um determinado território a outro para estabelecer-se é designado de emigração; por sua vez, a chegada para se estabelecer nesse determinado território (lugar de destino) é a imigração. Esse duplo movimento (dialético) de quem sai e de quem entra é mediado pela migração.

O que se sabe sobre o lugar de destino dos migrantes, baseando-se nas conversas informais e o senso comum, envolve um evento maior e histórico de emigração entre Moçambique e a África do Sul. Contudo, no que concerne à África do Sul, percebe-se que, além da disparidade econômica e da densidade populacional, o país se destaca como uma potência na África Austral e possui uma posição geográfica importante (na rota entre os oceanos Atlântico e Índico). É uma força inquestionável entre os países emergentes, com infraestrutura capaz de dinamizar sua economia, superior à de muitas economias africanas.

O continente africano é composto por mais de 54 países, cada um com suas especificidades socioeconômicas. Alguns países, como a África do Sul, considerado um dos mais industrializados do continente, possuem *know-how* no processo de extração de recursos minerais e são grandes exportadores de commodities agrícolas e minerais. Dessa forma, a África do Sul tem sido o destino de muitas pessoas de países da sub-região, principalmente da África Austral, em busca de melhores condições de vida, consolidando-se como a maior economia da região.

No entanto, a crescente importância do país na cadeia de valor representa a realidade da economia sul-africana somada à dinâmica expansiva do capitalismo e, conseqüentemente, possibilita o aumento da força de trabalho imigrante, que reflete a superpopulação relativa.

É importante destacar que, conforme outras culturas de trabalho e ideologias, evitou-se empregar o conceito de exército industrial de reserva. A questão de reserva, além de ortodoxa, é um conceito marxista da sociedade capitalista, e dada a sua inoperância sobre a cultura do trabalho africana, bem como as concepções de mundo de muitos países africanos, substituiremos para superpopulação relativa e/ou desempregos formais.

Por se tratar de migração, o estudo abrangerá os anos de 2008 a 2023 como recorte temporal, um período marcante em que o fluxo migratório, e a onda de mortes apresentaram um significativo número de crescimento. Até ao período da realização desta pesquisa, observou-se o crescimento exponencial de crimes e violências como os fatores xenófobos, racistas e discriminatórios contra imigrantes que se espalharam por toda a África do Sul,

demarcado pelo cenário de crispação entre os nacionais e o extremismo contra os estrangeiros provenientes de países em desenvolvimento.

Na natureza de imigrantes, o sujeito de estudo (moçambicanos) representa um número significativo de indivíduos vítimas das agressões, e muitas vezes sendo associados como os principais responsáveis por diversos problemas relacionados à imigração. Assim sendo, isso nos remete ao conceito de estigma cunhado por Erving Goffman (1998), no qual afirma que determinadas sociedades ou grupos podem construir, de forma preconceituosa, a desumanização de certos indivíduos. Com efeito, estaremos atentos a outro processo urbano-rural desse processo migratório, isto é, entender como ocorrem os fluxos de emigrantes saídos de áreas urbanas e periurbanas para áreas de plantações (rurais) na África do Sul. Nesse processo, inúmeros fatores impulsionadores da migração são merecedores de categorias analíticas, tais como: nacionalidade, cultura, gênero, raça e classe social. No entanto, para perceber quem é um imigrante, é necessário submeter-se ao princípio de Sayad (2000), quando ele realça que um imigrante é aquele indivíduo que é uma peça fundamental de uma força de trabalho provisória, temporária ou mesmo em trânsito.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema, inicialmente, deve-se a um componente curricular cursado no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, cujo objetivo era abordar questões de imigração e emigração, bem como a importância que a temática tem apresentado na contemporaneidade. Além disso, houve meu interesse pessoal, como pesquisador, em compreender os fatores e as contribuições que impulsionam o processo migratório do povo do sul de Moçambique, tanto no contexto acadêmico quanto na vida social. Ademais, vejo essa escolha como um caminho para uma contribuição acadêmica no contexto da história de Moçambique e da diáspora africana, nos campos de estudos sociológicos e antropológicos. Além disso, é um meio para compreender a ocupação do migrante durante o período em que se encontram na África do Sul, bem como entender como tem sido o seu dia a dia como imigrantes.

Contudo, o fator que me impulsionou a trabalhar com esta pesquisa foi a produção de conhecimento científico na área de imigração *intracontinental*, uma vez que, no nosso contexto (africano), a produção científica na perspectiva em que me enquadro tem sido bastante fraca. No entanto, também é uma forma de apelo e chamada de atenção para os

indivíduos que exercem essa prática, sobre como lidar com os fatores que têm enfrentado durante o tempo em que estão lá. Além disso, é uma estratégia para pensar antes de emigrar, para exercer funções que, em algum momento, poderiam trazer benefícios, mas acabam causando danos de diferentes formas, especialmente para os indivíduos mais jovens, que poderiam abraçar melhores oportunidades em seus próprios lugares de origem, criando propósito para o desenvolvimento de suas próprias comunidades. Infelizmente, abriram caminhos para outros propósitos, que muitas vezes têm sido influenciados por diversos imigrantes espalhados pelo mundo, com ideologia capitalista.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais são os principais fatores que influenciam a Emigração contemporânea de indivíduos do Sul de Moçambique a África do Sul?

4 HIPÓTESE

Considerando o diálogo que houve durante a pesquisa do projeto, parte-se de várias hipóteses sobre o fenômeno migratório que envolve os indivíduos de Moçambique, que se deslocam para África do Sul, com um dos seus objetivos centrais, o desenvolvimento das condições socioeconômicas ou de empregabilidade. Ainda mais, o sul de Moçambique tem uma proximidade geográfica com a África do Sul, e isso impulsiona bastante para o crescimento do fenômeno migratório e para a dependência total dos Moçambicanos em relação à Terra do *Rand*.

Além disso, esse processo é exercido, na maioria das vezes, pela população oriunda das zonas rurais, com uma influência considerável de camponeses que vivem em condições instáveis. Dessa forma, observa-se que o movimento de ida e volta tem sido um recurso tradicional para esses indivíduos, já que esse fenômeno compõe um aspecto histórico para essa população.

Portanto, é imperativo salientar que, outrora, a herança colonial tem sido um dos fatores fundamentais para o impulso do crescimento do fenômeno migratório contemporâneo que gera uma exploração da maioria dos imigrantes, principalmente para os que se encontram ilegalmente naquele país. Além disso, observa-se que os imigrantes negros ou com um tom de

pele mais escuro que os outros são os que sofrem mais com casos exploração, xenofobia, racismo e discriminação. Isso porque a África do Sul ainda tem uns espaços laborais que ainda são ocupados majoritariamente por indivíduos brancos. Portanto, isso não significa que ter a minoria seria o fim da discriminação, xenofobia e racismo.

Grosso modo, pode-se constatar que várias hipóteses estão interligadas no fenômeno que impulsiona o processo migratório de moçambicanos para a África do Sul, considerando o fator histórico que envolve o movimento migratório dentro do próprio continente africano. Ademais, por se tratar de um país, Moçambique é composto de uma estrutura sociocultural composto de indivíduos com características morfológicas relativamente comuns à de muitos países da África subsaariana, e o país tem recebido muitos imigrantes provenientes da sub-região e de diversas partes do continente.

Isso revela a dinâmica da globalização e da assimetria econômica entre os países, que faz com que o processo de ir e vir se torne um mecanismo crucial de procura de melhores condições socioeconômicas. Contudo, denota-se alguma parcela ou alguns casos de indivíduos ou grupos apenas incentivados pelo desejo de deslocar-se para conhecer o local e outros pela ilusão e tradição ou pelos efeitos provocativos das grandes cidades, associados ao lugar de oportunidades. Esse é o caso de alguns de indivíduos do sul de Moçambique que emigram ou deslocam-se para África do Sul. Esse fenômeno não ocorre apenas entre esses dois países, mas em outras regiões do globo, principalmente para os países economicamente subdesenvolvidos, e quando se trata de imigrantes negros, da África subsaariana e/ou de indivíduos provenientes de territórios economicamente subdesenvolvidos que se deslocam para países em processo de desenvolvimento econômico, a exemplo da África do Sul.

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

Investigar os principais fatores contemporâneos que impulsionam a emigração de cidadãos do Sul de Moçambique para a África do Sul.

5.2 ESPECÍFICOS

- Compreender as motivações que levam cidadãos do sul de Moçambique a migrarem atualmente para a África do Sul;
- Averiguar o perfil socioeconômico de trabalhadores moçambicanos que migram para a África do Sul;
- Analisar as condições de estadia e socialização de moçambicanos na África do Sul.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como descrito na introdução e na justificativa, observa-se que, no caso das migrações internacionais, os fatores impulsionadores e de atração são uniformes, e as razões que motivam os deslocamentos de indivíduos não podem ser reduzidas a um único tipo de migração. Da mesma forma, a migração internacional africana não pode ser entendida como mera consequência da urbanização, das infraestruturas e da modernização que adornam as grandes cidades, semelhante ao que Saskia Sassen (1991) chama de “*global city*”. No caso desta pesquisa, pode-se considerar este processo em duas perspectivas, a primeira a partir do fenômeno da globalização, e a segunda, pode ser o movimento inverso, de grupos e/ou pessoas estrangeiras atraídas para os espaços rurais em jornadas que ocorrem sazonalmente para atividades relacionadas à mineração, comércio informal e a plantações (*plantations*).

A África tem uma longa tradição de migração. No passado, a migração era determinada pela busca de segurança, de terra fértil para a agricultura (isto é, do nomadismo ao sedentarismo) e, posteriormente, pela dinâmica comercial entre a costa Este e a costa Oeste por meio do Saara. Mais tarde, “o regime colonial reconfigurou a estrutura da dinâmica do fluxo migratório, conforme, (ACP das Migrações, 2011, p. 1-28):

O regime colonial alterou a motivação e a composição dos fluxos migratórios por meio da introdução e da implementação de várias estruturas econômicas e políticas, estabelecendo fronteiras e impondo taxas. África vive entre a tradição antiga do movimento livre de pessoas e a tentativa *atual* de regular e mapear os movimentos, tanto para fora do continente (imposta pelas políticas de imigração dos países de acolhimento) como no interior do continente (levada a cabo pelos governos nacionais, para compreender melhor a migração e beneficiar dos seus impactos sobre o desenvolvimento) (ACP das Migrações, 2011, p. 1-28, *grifo nosso*).

Portanto, longe de ser um fenômeno isolado na história, a questão da migração representa a própria história, permeada pela dinâmica de ir e vir de pessoas, grupos ou comunidades, sejam eles motivados por fatores econômicos, políticos e/ou sociais, mas também por restrições periódicas.

Diante do exposto, percebe-se que o processo migratório é um fenômeno social e natural que começou nos primórdios da humanidade (do nomadismo ao sedentarismo e às viagens transoceânicas), desde a existência dos primeiros humanos, e que, com o passar do tempo, ganhou novas dinâmicas. Atualmente, esse movimento é observado como um fenômeno que se configura como um dos maiores dilemas e desafios ao redor do mundo, ainda que possibilite o aumento do produto interno dos países de emigração. Isto é PNB e PIB.

Na historiografia moçambicana, segundo Patrício (2016), a migração ganhou sua dinâmica volumosa no século XV, com a invasão dos colonos portugueses, embora que Moçambique já tivesse um histórico de participação em grandes rotas de comércio internacional e intracontinental, envolvendo os árabes, que usavam essas rotas para o desenvolvimento do seu comércio. Assim sendo, a origem que envolve a própria história de diversos povos que hoje compõem o território designado por Moçambique é resultado das migrações dos povos vindos de diferentes partes da África, principalmente da África Central, designados como povos bantus.

No entanto, a história de Moçambique hoje é composta por seu fator de desempenhar diferentes papéis bastante cruciais, tanto como um país emissor quanto país receptor de imigrantes. Como mencionado anteriormente, Moçambique tem uma longa história de aspetos relacionados às migrações, desde o seu processo de acolhimento de diversos povos provenientes de diferentes partes do mundo, especialmente da África. Dessa forma, é de observar que a emigração para a África do Sul não é algo recente, pois vários pesquisadores moçambicanos, remontam esse processo migratório ao trabalho nas plantações e extração de minério, que começaram quando o Império de Gaza ainda fazia parte da comercialização de indivíduos do seu próprio território, que hoje é designado por Moçambique.

No entanto, o processo começou a se desenvolver por volta de 1850 e se estendeu até hoje. Conforme Mungoi (2010) apresenta, para perceber as dinâmicas migratórias para África do Sul, devem ser analisados os três períodos que envolvem esse processo. O primeiro período remonta por volta de 1850, marcado pelo fluxo de imigrantes nas plantações de cana-de-açúcar e na descoberta de diversas reservas de minas. O segundo período se inicia por volta de 1977 e vai até 1993. Esse período foi marcado por um momento histórico de crise de

contratação de mão de obra estrangeira para trabalhar nas empresas responsáveis pela extração de minérios. O terceiro e o último período remontam aproximadamente aos anos de 1994 a 2009, marcado pelo fim do *apartheid* e por mudanças políticas, incluindo a introdução de novas políticas como um marco histórico.

Então, foi a partir desse contexto de comercialização de mão de obra que as relações entre Moçambique e África do Sul começaram a se desenvolver significativamente, pois ambas as partes se beneficiaram. E com base nessa contratação de mão de obra, o processo migratório começou a ganhar notoriedade e proporcionou outro olhar sobre a dinâmica de ir e vir.

Contudo, segundo Patrício (2016), “após a Proclamação da Independência nacional em 1975, as relações entre os dois países tornaram-se, tensas, tendo a África do Sul reduzido a mão-de-obra moçambicana nas minas”. Com a independência de Moçambique, a África do Sul se distanciou, pois o governo moçambicano independente já não tinha interesse em negócios bélico (Patrício, 2016, p. 87).

Conforme explanado, nota-se que a partir desse marco histórico, o imigrante, principalmente o caso do objeto de estudo deste projeto, passou a observar que a relação entre ambos países se tornou densa, e como resultado, este imigrante viu-se associado a diversos fatores relacionados aos estereótipos negativos, que depois alargou-se para violência física e psicológica contra certos grupos.

Entretanto, é compreensível que, na África do Sul, as acusações estereotipadas fossem direcionadas aos imigrantes moçambicanos, devido a fatores que podem estar relacionados à proximidade geográfica, à disputa pelo mercado de trabalho, entre outros. Isso faz com que o imigrante moçambicano represente uma espécie de “bode expiatório”; assim, quando surgem problemas, como as frustrações relacionadas ao desemprego, a culpa recai a maioria das vezes sobre os imigrantes moçambicanos, gerando ressentimento, especialmente em momentos de crise socioeconômica e/ou sociopolítica.

A maioria da população do sul de Moçambique tem uma longa tradição de deslocamento para a África do Sul, o que gerou a percepção de que esse grupo de imigrantes está hipoteticamente associado a eventos negativos enfrentados pelo país. O ressentimento e o preconceito contra imigrantes são comuns em tempos de crise econômica, quando se intensifica a contratação de mão de obra imigrante para atividades precarizadas, geralmente em condições insalubres e repetitivas, envolvendo múltiplas funções. Esta última modalidade é o que Heidemann (2003) caracteriza como “flexi-identidade” e *just-in-time* (contratos parciais), onde trabalhadores atuam em diferentes segmentos dentro da mesma empresa.

No entanto, se depreende que o crescimento de uma determinada economia tem provocado interesse de indivíduos de diferentes partes do mundo, que olham para aquela realidade como um projeto de busca de novas oportunidades. E isso é uma realidade na região da África Austral, cuja África do Sul representa o país de migração, por ser uma das maiores economias região.

A África do Sul, bem como os imigrantes, foram surpreendidos com um cenário jamais ocorrido desde a história da imigração, os quais impactaram negativamente na vida dos estrangeiros. Segundo Santos (2018, p. 3), os primeiros casos de mortes ocorreram no ano de 2000, mas foi em 2008 que uma onda de ataques a imigrantes tomou conta do país, iniciando-se em Alexandra, um *township* em Joanesburgo, e se espalhando para o restante do país. Houve moradias incendiadas, roubos a lojas de imigrantes e diversas mortes. Entre os casos mais recentes, em 2015, o rei zulu Goodwill Zwelithini, da província de KwaZulu-Natal, declarou em um discurso oficial que “os estrangeiros deveriam fazer as malas e sair do país”.

Assim sendo, esta data tornou-se momentos históricos marcados por tristeza e desilusão para os imigrantes, deixando uma cicatriz profunda em suas vidas. Além disso, evidenciaram o princípio de que, para essa nação, a ausência de imigrantes não faz nenhuma diferença. É isso que vamos observar quando Simmel (1983), salienta que,

Mas aqui, "estrangeiro" não tem qualquer sentido positivo; a relação com ele é uma não-relação; não é ele que tem relevância aqui, como membro do próprio grupo. Antes, enquanto membro do grupo, ele está ao mesmo tempo próximo e distante, como é característico de relações fundadas apenas naquilo que é genericamente comum aos homens. Mas entre os dois elementos produz-se uma tensão particular entre a proximidade e a distância, quando a consciência de só ser comum o absolutamente geral faz com que se acentue especialmente o não-comum (Simmel, 1983, p. 187).

Assim, é importante notar que o estrangeiro, ou mesmo os imigrantes, nunca foram vistos como próximos ou capazes de criar um vínculo de afinidade. Eles sempre foram observados por meio de estereótipos e estigmas de inferioridade, como se não estivessem aptos a estar em um determinado espaço. Entretanto, segundo Simmel (1983), o estrangeiro só pode fazer parte desse ciclo se tiver algo com que os nativos possam se identificar. Somente a partir do processo de identidade é que pode haver uma ligação e o reconhecimento de traços comuns entre o nativo e o estrangeiro.

Conforme as leituras, Mungoi (2010) relata que maio de 2008 foi marcado por algo sem precedentes na história e na relação entre estrangeiros e sul-africanos. Nesse ano, o mundo ficou espantado com as informações que foram compartilhadas por diversos meios de

comunicação, que relatavam sobre os episódios de ataques xenofóbicos de sul-africanos contra os imigrantes.

Durante os ataques, os estrangeiros ficaram surpresos, pois eles tinham um laço de irmandade e afeto com os nacionais. Infelizmente, o laço de irmandade foi destruído pela vingança, ódio e destruição. Como Santos (2000) apresenta quando destaca sobre questões de territorialidade, “neste caso, o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática, e seu exercício comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representarem um papel” (Santos, 2000, p. 54).

Os eventos relacionados às emoções e os enfrentamentos, de fato, podem se agudizar, enquanto o status quo dos nativos permanece incerto e depreciado. Em outros termos, Chingotuane destaca:

A princípio, os assaltos visavam incutir medo nos moçambicanos para obrigá-los a abandonarem as suas residências, mas rapidamente se viram atos de aproveitamento no qual os sul-africanos faziam incursões com o intuito único de apossar-se dos bens dos moçambicanos. Os atos xenófobos incluíam desde o espancamento, violações sexuais, roubos, assassinatos, queimá-los vivos etc. A única resposta visível das autoridades sul-africana foi a criação de campos de refugiados para os imigrantes que fugiam a violência (Chingotuane, 2011, p. 13-14).

Entretanto, observa-se que as atitudes visam intimidar e manter os estrangeiros afastados do território dos nativos, sob a alegação de que esse espaço não lhes pertence. Isso resultou em tensões crescentes entre os migrantes e sul-africanos, tornando as condições dos imigrantes ainda mais preocupantes, uma vez que já havia registros de mortes. Mesmo assim, o fluxo migratório continua a crescer, e os casos de xenofobia e mortes ainda ocorrem até os dias atuais. Essas reflexões levam a considerar que esses incidentes podem, de certa forma, ser aproveitados por alguns empresários, que estão inseridos no mercado empresarial para garantir uma mão de obra barata (superexploração) dos estrangeiros, que se encontram em estado de vulnerabilidade devido aos problemas que enfrentam.

A mesma teoria é utilizada por Sayad (2000), que argumenta que o imigrante é uma peça fundamental na transformação da economia de um país, sendo indispensável, pois se submete a trabalhos árduos para salvaguardar sua condição de imigrante. Dessa forma, os imigrantes moçambicanos, como forma de atingirem seus objetivos, acabam sendo explorados para manter seu estado de imigrante e garantir sua segurança, já que o trabalho é o alibi do imigrante.

Esses aspectos levam à reflexão sobre a coexistência entre o deslocamento e trabalho, permeada por contradições. Na busca de melhores condições socioeconômicas no país de destino, os imigrantes ocupam diversas formas de subalternidade.

No entanto, analisando o caso do povo do sul de Moçambique, que emigra para a África do Sul, consigo observar que, além dos fatores mencionados, existem outros que são as principais causas desse deslocamento, uma vez que, para Raimundo (2011), a emigração no contexto moçambicano é pouco abordada e não é considerada nos planos políticos para o desenvolvimento. Em outras palavras, o estado moçambicano não reconhece a dinâmica migratória para a África do Sul como um fator para a promoção do desenvolvimento.

Se a emigração para a África do Sul não é considerada um instrumento para o desenvolvimento no país de origem, isso reforça a ideia de que existem vários outros aspectos que levam esses indivíduos a migrarem, entre os quais a qualidade de vida e o envio de remessas para os familiares, que, de forma racional, buscam se inscrever em segmentos específicos. Há uma grande probabilidade de que muitos imigrantes, mesmo qualificados, não estejam empregados ou estejam exercendo atividades com contratos precários, vivendo em condições adversas. Além disso, há indícios que apontam para a condição de trabalho análoga à escravidão; no entanto, isso também será averiguado ao longo da pesquisa.

7 MIGRAÇÃO: ENTRE OS DESAFIOS, (DES)ACOLHIMENTO, TRABALHO E ILUSÃO

Debate-se bastante, de forma assertiva, que a migração está entrelaçada ao trabalho (Vaz, 2011) e, ao mesmo tempo, revela a necessidade de acolhimento institucional (Dieme, 2016, p. 209), além de políticas públicas e/ou ações afirmativas que possam atender às demandas, dada a condição de vulnerabilidade social desses indivíduos, decorrente de inúmeros fatores provocados desde seu lugar de partida.

Para Patrício (2016), as causas e a decisão de migrar, embora se relacionem com questões econômicas, como muitas literaturas sobre migrações sugerem, podem estar fundamentadas em diversos fatores conjugados (políticos, socioeconômicos e culturais) encontrados no local de acolhimento (Patrício, 2016, p. 83-84). No entanto, para Vaz (2018), o espírito de reciprocidade, o sentimento de pertença ao grupo e as influências culturais podem ser fatores mobilizadores que levam os indivíduos a se deslocarem. O que o autor

chama de “sociabilidade mobilizável” é a capacidade de certos grupos se organizarem em multidões em prol de causas sociais, econômicas e de solidariedade (Vaz, 2018, p. 38).

Conforme diversos estudiosos e estudiosas, é possível observar que há inúmeros aspectos que influenciam o processo de emigração, especialmente no caso de Moçambique, que tem uma longa história no contexto migratório. Essa prática é considerada uma tradição para o povo do sul de Moçambique, sendo transmitida de geração em geração. Por esses motivos, é importante salientar que o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (2015) destaca a ideia de que o trabalho migratório é uma tradição para o povo do sul de Moçambique. Nessa mesma linha, Chilengue (2022) aponta que:

Existem poucos dados sobre esta matéria, mas sabe-se que moçambicanos foram à África do Sul trabalhar, primeiro como fruto das políticas coloniais e depois por hábito. Antes, os colonos reservaram a zona sul de Moçambique para fornecer mão-de-obra às minas sul-africanas, mas, mais tarde, tornou-se uma questão cultural, de masculinidade e de prestígio para os jovens escalarem aquele país para trabalhar (Chilengue, 2022, p. 161).

As analogias dos autores acima citados mostram que diversos fatores influenciam o fluxo migratório, considerando a longa tradição, a interdependência entre os países e o contexto social e histórico do próprio continente africano em relação à migração. Esses aspectos serão analisados ao longo do desenvolvimento. Além disso, vamos observar que Mungoi (2010) também destaca a nova perspectiva dialógica, abordando que:

Deve-se referir também que, a história recente de Moçambique, mostra que, o processo de socialização dos rapazes e raparigas nas zonas rurais também sofreu alterações. Hoje, por exemplo, as famílias estão mais preocupadas em quebrar o ciclo vicioso da baixa escolaridade e analfabetismo, que acompanhou diferentes gerações, mandando seus filhos para a escola. Nesse contexto, os rapazes, que durante a sua infância se dedicavam unicamente à caça, pastorícia e a ida para África do Sul já têm acesso à escola. Portanto, essas famílias estão paulatinamente deixando de produzir potenciais mineiros, o que constitui uma mudança em relação ao passado. Isso não significa que a emigração tenha perdido a sua importância social em todas as zonas de Moçambique [...] (Mungoi, 2010. p. 65).

Portanto, Mungoi (2010) mostra que, ideologicamente, os contextos sociais e históricos realmente mudaram. Atualmente, a maioria dos ciclos familiares optou por criar mecanismos para fornecer condições mínimas de estudo para seus membros, quebrando o fluxo de analfabetismo. No entanto, ainda há casos de indivíduos que, mesmo após passar por uma formação acadêmica, optam por emigrar, seguindo assim o ciclo histórico familiar de trabalhar nas empresas responsáveis pela extração de minérios.

Observa-se que, mesmo com os novos mecanismos adotados para quebrar o ciclo vicioso de preparação para trabalhos na África do Sul, o processo migratório ainda persiste. Todavia, as mudanças relacionadas à produção de minério exigem uma investigação das causas específicas dessa nova onda migratória contemporânea, uma vez que o ciclo de formação de mineiros foi rompido.

Então, esse fenômeno migratório para a África do Sul é um ciclo vicioso para a população do sul de Moçambique, uma vez que é um processo que remonta períodos marcados de comercialização de mão de obra estrangeira, com propósito de trabalhar nas Plantações, linha férreas e depois na extração de minérios. Desse modo, conforme a analogia de Henriques (2022), “O desenvolvimento do capitalismo sul-africano consistiu no sistema do trabalho migratório para as minas, no qual os trabalhadores do sexo masculino eram forçados a abandonar os trabalhos realizados nas firmas, como forma de se incorporarem às minas devido as sistemáticas destruições da base rural por meio da conquista, expropriação e introdução dos impostos” (Henriques, 2022, p. 101).

A realidade da economia sul-africana está na força de trabalho estrangeira. A entrada de moçambicanos para a África do Sul foi um elemento fundamental para o avanço e a contribuição do país e da sua economia. Com isso, esses fatores podem causar intimidação para o nacional, em razão do marco histórico do movimento econômico impulsionado por mão de obra estrangeira. No entanto, há fatos de perigo relacionados aos imigrantes que estão expostos ilegalmente, pois são constantemente alvos de violações de direitos humanos, devido sua condição, que muitas vezes não oferece alternativas.

Isso é observado de forma análoga quando se explana que “[...] as redes sociais e discriminação institucional servem para excluir o migrante e colocá-lo no emprego menos remunerado e temporário. Imigrantes não-documentados tendem a ser particularmente mais vulneráveis a esse respeito” (Assis; Sasaki, 2000, p. 5). Levando a analogia em consideração, é importante notar que os imigrantes não-documentados são os que mais sofrem com casos de exploração, tanto dentro quanto fora do mercado de trabalho.

Entretanto, mesmo exposto a essas situações, a maioria não alcança o objetivo que a levou a emigrar. Vamos observar isso a seguir. Segundo Chingotwane (2011), todavia, os resultados alcançados nem sempre são positivos, alguns moçambicanos conseguem alcançar sucesso enquanto outros se deparam com as mesmas condições de pobreza que deixaram em Moçambique. A partir daí, são confrontados com falta de alternativas e oportunidades ou até mesmo a miséria. Nessa situação, os moçambicanos são forçados a procurar refúgio nos bairros mais pobres, sem se aperceberem que representam, para as comunidades locais, um

fardo adicional à sua condição de pobreza. Chegados lá, os moçambicanos criam sentimento de revolta entre as populações pobres locais, que são forçadas a competir ou partilhar com os moçambicanos (Chingotwane, 2011, p. 4).

Dessa forma, observa-se que a emigração nem sempre garante as expectativas do sujeito que a exerce, pois aquilo que se pretende encontrar pode, ao longo do processo, carregar resultados inesperados e ilusórios. Contudo, a mão de obra imigrante é essencial, como mostra Cuambe (2020). Ele aborda o caso da emigração para a África do Sul, destacando que os estrangeiros, além de serem necessários, sempre foram essenciais, pois contribuíram para a independência e o combate ao *apartheid*. No entanto, os sul-africanos que são contra a imigração ou os imigrantes, em nenhum momento, reconhecem a grande influência estrangeira no país.

Nesta pesquisa, para uma melhor reflexão e entendimento, é necessário averiguar o perfil socioeconômico da maioria dos trabalhadores, uma vez que se observa que nem todos que emigram conseguem alcançar aquele que é o seu objetivo. Muitos continuam vivendo em condições socioeconômicas semelhantes ou inferiores àquelas que tinham quando decidiram sair do seu país de origem. Além disso, devido à sua condição de estrangeiros, enfrentam situações ainda piores, o que gera manifestações de rivalidade entre os nacionais ao ocuparem posições que, em nenhum momento, os próprios sul-africanos imaginaram que os imigrantes ocupariam. Mesmo assim, os imigrantes permanecem como elementos fundamentais para a África do Sul, pois, independentemente da situação em que se encontrem, estão sempre trabalhando, seja no setor formal ou na economia informal. A razão essencial da migração e sua condição são bem descritas por Sayad, que afirma que:

Se por um lado é verdade que a razão essencial da migração reside na busca de trabalho, e que é o trabalho sozinho que pode, sozinho justificar a presença do imigrante, por outro este se encontra, sob todos os pontos de vista e em todos os setores da sua existência numa situação excepcionalmente diferente, daquela do trabalhador nativo (ou nacional) (Sayad, 1998, p. 71).

A situação dos moçambicanos corresponde à análise do Sayad (idem), quando afirma que, em diversos segmentos da sociedade, a condição de trabalho do migrante é sempre localizada numa situação excepcionalmente diferente daquela do trabalhador nativo, (ou nacional), seja com relação ao salário ou quanto à condição geralmente precária do trabalho. Entretanto, conforme Simmel (1983):

Por meio da história da economia, o estrangeiro aparece em toda parte como comerciante, ou todo comerciante como estrangeiro. Se uma economia é essencialmente autossuficiente, ou seus produtos são trocados dentro de um grupo espacialmente reduzido, então não há necessidade de intermediários: um comerciante só é requerido por produtos procedentes de fora do grupo. Na medida em que os membros não deixam seu círculo com a finalidade de comprar essas mercadorias — e neste caso, estes membros são os mercadores "estrangeiros" naquele território exterior — o comerciante tem de ser um estrangeiro, já que ninguém mais tem chance de viver disso (Simmel, 1983. p.183).

Conforme explanado, este autor mostra que, embora existam fatores ou elementos diferentes, o objetivo é idêntico. Isso ocorre porque tudo o que é realçado indica que o imigrante é alguém que está apenas ocupando um lugar que, em teoria, é de outro. Quando se trata de assuntos relacionados à comercialização, é evidente que a troca de produtos ocorre principalmente entre si, devido aos estereótipos que muitos nativos têm sobre o próprio imigrante e sobre os produtos comercializados por eles. Dessa forma, mesmo atuando em alguns segmentos preteríveis pelos nacionais, o imigrante é visto apenas como um indivíduo que disputa o local de trabalho ou de comércio com outros imigrantes e se mantém distante das disputas que ocorrem com os nativos.

No entanto, Segundo Mungoi (2010, p. 88), “[...] o nível de escolarização não era determinante para a atribuição de uma determinada função. Pelo contrário, o elevado nível de escolarização podia ser um fator de exclusão ao trabalho mineiro, conforme relata Júlio”. Porém, esses elementos são cruciais para investigar sobre o perfil socioeconômico desses sujeitos de estudos.

Como explanado anteriormente, é importante destacar que, como um pesquisador moçambicano, tenho uma noção superficial sobre o perfil socioeconômico da região e, conseqüentemente, sobre o nível acadêmico dos indivíduos que se deslocam para a vizinha África do Sul em busca de trabalho. Esses fatores facilitaram para que as empresas ou indivíduos sul-africanos que contratavam esses trabalhadores os vissem como mera mão de obra barata, ultrapassando limites e visando sua exploração. Também é notável que existiam ou existem indivíduos com um nível de escolaridade e algum grau de instrução acadêmica, mas, infelizmente, eram considerados uma ameaça e, em função disso, muitos não eram contratados, devido ao seu “capital cultural.”

Contudo, os supostos contratadores ou as empresas aproveitam-se das condições de vulnerabilidades desse grupo de indivíduos que possuem um nível de escolaridade muito baixo e criam oportunidades de empregos, isso porque esses indivíduos não têm noção básica de como as leis do trabalhador funcionam. Assim, em nenhum momento, se questionariam sobre as condições de trabalho que são oferecidas, nem mesmo o salário, devido à falta de

conhecimento sobre seus direitos. Outro fator fundamental a considerar é a ausência de políticas públicas, que é questionável. Na prática, ao longo dos estudos iniciais, constatou-se que as questões de territorialização são uma das características do estado liberal clássico, que preconiza o slogan "liberdade, igualdade e fraternidade", mas cuja contradição é evidente.

Entretanto, é notório que um dos objetivos desses imigrantes que no seu país de origem são designados por *madjonidjonis* é ultrapassar as dificuldades e criar mínimas condições de habitação e estadia para as suas famílias, não importa qual seja o tipo de atividade que possa exercer. Nesse sentido, segundo Araújo e Muanamoha (2011), há casos de mulheres que, devido às suas condições de vida, são forçadas a deslocar-se para África do Sul para exercer trabalho de empregadas domésticas.¹

No entanto, conforme Heidemann (2003), o mundo contemporâneo exerce um poder de domínio sobre a vida das pessoas no mercado de trabalho, onde os indivíduos são impulsionados a se prepararem para realizar trabalhos em condições aleatórias e para atender às demandas que o mercado impõe, enquanto mantêm suas identidades e buscam um espaço para se sustentar.

Assim, salienta-se que, devido ao perfil socioeconômico, esses imigrantes estão expostos a qualquer atividade, mesmo que possa colocá-los em perigo, sendo o principal objetivo melhorar suas condições socioeconômicas. No entanto, esse padrão de dominação imposto ao emigrante pode levar à reflexão de que, por não terem um lugar de escolha, são submetidos a qualquer atividade, sem condições mínimas de trabalho e, muitas vezes, sem contrato. Por outro lado, isso pode criar oportunidades para que o imigrante encontre mecanismos para ultrapassar os limites da dominação e inicie um processo de integração na sociedade em que está inserido. Achille Mbembe (2022) discorre sobre a liberdade no estado clássico liberal e o controle dos corpos, referindo-se a isso como mobilidade gerenciada, ao afirmar:

Os Estados liberais clássicos tentaram resolver essa contradição pelo gerenciamento da mobilidade, que voltou à pauta agora na Europa e até na África do Sul, onde tenho feito alguns trabalhos com o Departamento de Assuntos Internos a respeito da regulação de migrações interafricanas. O conceito-chave é “mobilidade gerenciada”. Então, no quadro da mobilidade gerenciada, certas categorias da população são vistas o tempo todo como possível ameaça, não apenas para si mesmas e sua própria segurança, mas também para a segurança dos demais. Acredita-se que essa ameaça pode ser reduzida se os movimentos dessas pessoas forem limitados e se elas forem domesticadas e submetidas a algum tipo de reforma (Mbembe, 2022, p. 3).

¹ *Madjonidjonis* significa os que vieram da África do Sul, Mungoi (2010).

Como explanado por Mbembe (2022), certos indivíduos, como os imigrantes da África Subsaariana — considerando aqui os imigrantes moçambicanos como sujeitos da pesquisa — experimentam mecanismos de controle e são submetidos a algum tipo de reforma, que abrange aspectos como religião, cultura do trabalho, etnicidade, entre outros.

Todavia, esses elementos são fundamentais, pois os imigrantes os adquirem durante sua estadia, servindo como experiências de vida que podem ser úteis a qualquer momento no território onde se encontram como estrangeiros. Isso é especialmente importante para facilitar a obtenção de emprego ou para estabelecer uma relação mais profunda com a população nativa.

Assim, de acordo com Chingotwane (2011), esse processo se materializa quando um imigrante assume outra identidade, passando por um processo de assimilação, incorporando o sentimento de pertença e de Sul africanidade, isso como uma estratégia de integração na sociedade de dominação.

Segundo o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique (2015), outro conjunto de contradições surge do sistema de diferenciação de salários introduzido nas minas. Entretanto, esta análise faz-nos observar que a maioria dos mineiros moçambicanos se encontram nos níveis de salários mais baixos, sendo constituído por trabalhadores não especializados e alguns semi-especializados. Dessa forma, de acordo com Assis e Sasaki (2020), salienta-se que, no âmbito do mercado de trabalho, os imigrantes sem nenhuma formação profissional, muitas vezes são alvos de indício de roubos de oportunidades de emprego dos indivíduos nativos, devido à sua condição de não obter uma especialização na área de atuação. Sendo assim, este fator pode influenciar no resultado de não realização de certas atividades profissionais, culminando na desvalorização da mão de obra e na degradação da renda salarial dos indivíduos locais.

Portanto, acredita-se que seria necessário criar estratégias e políticas migratórias para atrair apenas mão de obra qualificada. Mas acreditam também que há uma diferenciação em relação ao mercado de trabalho dos nativos e dos imigrantes, levando-os a designar dois fatores fundamentais nessa diferenciação: o mercado de trabalho primário e o secundário.

O primeiro grupo se refere aos nacionais e o segundo, aos imigrantes, levando à conclusão de que não há ampla concorrência entre ambos grupos. Entretanto, existem diversos problemas relacionados à emigração dos moçambicanos durante o percurso. Mesmo assim, é possível constatar que alguns indivíduos de Moçambique conseguem alcançar certos objetivos, como adquirir bens valiosos, apesar da significativa diferença salarial em relação aos sul-africanos ou a outros estrangeiros.

Isso nos leva a perceber que há vários elementos necessários para entender essa diferença de tratamento imposta pelos sul-africanos, que discriminam os moçambicanos em comparação a outros estrangeiros. No entanto, seguindo a analogia da publicidade abordada por Santos (2000), o emigrante muitas vezes não tem conhecimento do que ocorre do outro lado antes de emigrar. Isso deve ao fato de que alguns imigrantes compartilham informações positivas, instruindo outros sobre o processo, com o intuito de convencê-los. Contudo, também há casos em que outros emigrantes transmitem um tipo de informação diferente. Nessa perspectiva, o autor se refere a isso como "duas caras".

Teoricamente, compreende-se que muitas das vezes, os emigrantes não sabem quais dificuldades irão enfrentar, devido às informações que recebem e ao estilo de vida que muitos imigrantes aparentam ter quando retornam para sua origem ou exibem fotografias. Esse é o caso da maioria dos imigrantes, exemplificado pelo estudo dos moçambicanos na Terra do *Rand*.

8 METODOLOGIA

A atenção à questão metodológica na elaboração de um projeto de pesquisa acadêmica exige do pesquisador certa familiaridade com a temática, tanto no plano teórico quanto na definição dos caminhos a serem traçados. Em função disso, será adotada a metodologia de pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e pesquisa documental. Conforme explanado por Gil (2010), a pesquisa documental está interligada à pesquisa bibliográfica, uma vez que ambas utilizam dados existentes; a única diferença reside na natureza das fontes.

Portanto, consoante Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é aquela que tem o objetivo buscar a compreensão sobre as diferentes partes do fenômeno relacionadas com a pesquisa, levando em conta as distintas ideias e perspectivas introduzidas por diferentes pesquisadores ou indivíduos que abordam sobre o tema em questão, e adentrar-se nas demais realidades para melhor compreensão no desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, segundo Gerhardt e Silveira (2009), os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Portanto, o olhar etnográfico também foi importante para realização da pesquisa, que além de testemunhar se analisa o cotidiano dos sujeitos da pesquisa.

9 CRONOGRAMA

PERÍODO: 2024	I		II			III
Reunião com o orientador	X		X		X	X
Elaboração do projeto	X		X		X	
Leitura dos trabalhos acadêmicos sobre os temas em questão	X		X		X	X
Revisão da pesquisa	X				X	X
Redação final e defesa de TCC						X

REFERÊNCIAS

- ACP DAS MIGRAÇÕES: **Migração, remessas e desenvolvimento em África: o caso dos países lusófonos**, 2011.
- ARAÚJO, Manuel; MUANAMOHA, Ramos. **Migração indocumentada de Moçambique para a África do Sul: impacto socioeconómico nas comunidades de origem**. **RILP–Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 24, p. 165-185, 2011.
- CUMBANE, José Urbino, **A realidade da Xenofobia na África do Sul: Gênese, fundamentos e na África do Sul**. Revista do ISET- One World edição 1 2020.
- CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE/MOÇAMBIQUE: **O mineiro moçambicano: um estudo sobre a exportação de mão de obra em Inhambane**. Recife, 2015.
- CHINGOTUANE, Énio Viegas Filipe: **Fronteiras, imigração e identidades na África do Sul: Fronteira étnica a teoria do contacto**, Maputo, 2011.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa** [recurso eletrônico]: escolhendo entre cinco abordagens / John W. Creswell; tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. – 3. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2014
- DIEME, Kassoum. **Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Campinas. 2016
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de pesquisa** – Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2009.
- GIL, Carlos Antonio: **Métodos e técnica de pesquisa social**. São Paulo ^a edição. Editora Atlas S. A. -2008
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC editora, 1998.
- HEIDEMAN, Heinz Dieter. **Um novo modo de ser (inclusive migrante): Flexi- existência “Just in time”**. In Travessia: Revista do Migrante. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XVI, n. 45, jan.-abril 2003.
- HENRIQUE, Victor Simões. **As migrações Laborais de Moçambicanos para a África do Sul: Sua Evolução dos primórdios até a proclamação da Independência Nacional C.1850- 1974** Revista Áfricas, 12 de março 2022.
- MBEMBE, Achille. **A ideia de um mundo sem fronteiras**. Trad. Stephanie Borges. Revista Serrote, Instituto Moreira Salles, 2019. s.p. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achillembembe/>. Acesso, 20 ago., 2024.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João: **Identidades viajeiras família e transnacionalismo no contexto da experiência migratória de moçambicanos para as minas da terra do rand, África do sul.** Porto Alegre, março de 2010.

RAIMUNDO, Inês Macamo. **Migrações em Moçambique:** reflexões sobre uma política de migração. **Revista Estudos Moçambicanos**, v. 22, 2011.

SANTOS, Kennya Souza, **Xenofobia Na África do Sul Pós-apartheid:** Violência e o conceito de ubuntu pelo traço de zarpo, XIV. Encontro Estadual de História- ANPUH RS 18 a 21/07/2018, DEMOCRACIA LIBERDADES UTOPIA

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. **Teorias das migrações internacionais.** *In:* encontro nacional de estudos populacionais, 12., 2000, Caxambu, MG. Anais... Belo Horizonte, MG: ABEP, 2000. Disponível em:
https://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Teoria_das_Migracoes_Internacionais.pdf. Acesso em: 10 maio 2024

SASSEN, S, **The Global City**, New York, London, Tokyo, Princeton (NJ): Princeton university press, 1991.

SAYAD, A. **A imigração e os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno segundo Abdelmalek Sayad.** Travessia, São Paulo, v. Especial, p. 3-33, jan. 2000.

SIMMEL, G. **Sociologia: o estrangeiro.** *In:* Grandes cientistas sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983, traduzido por Evaristo de Moraes filho.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital:** um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias. Tese (doutorado) -Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.

VAZ, Paulo Gomes. **O trabalho manual Africano nos Labirintos da Globalização:** o caso dos Africanos em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, Unicamp, 2011.